Centro Universitário São Camilo

Curso de Psicopedagogia

Disciplina: Psicopedagogia na matemática

Profª Anita Abud

Nome: Joice Alvarenga Gomes Veloso

Ensaio sobre Matemática: “A primeira impressão”

Cheguei no primeiro dia de aula de Psicopedagogia em Matemática muito ansiosa, pois matemática sempre foi uma disciplina que tinha apreço e facilidade. Deparei-me com professora Anita que já nos esperava na sala. Logo de cara pensei: - Aí mais uma professora GLS! Giz, lousa e saliva. Bastou pouco tempo para eu perceber que estava totalmente enganada. Anita se apresentou e desvendou alguns mitos sobre a matemática, mostrando tanto domínio sobre o assunto e o transmitindo com muito prazer. Após deu a palavra aos colegas que deveriam se apresentar e dizer qual era a relação com a matemática.

A apresentação dos colegas da turma seguiu este direcionamento e não foi surpresa perceber que a grande maioria sentia pânico no que se referia ao conteúdo da matemática. Ao me apresentar lembrei do meu período na escola e dos meus professores de matemática. Acredito que fui agraciada por ter a oportunidade de ter tido excelentes professores nesta disciplina. Entretanto, o contexto vivenciado na fase escolar sempre fora abordado como um aglomerado de normas e regras que precisavam ser memorizadas e sistematizada.

Embora seja educadora de formação, atuo na educação, entretanto na gestão acadêmica, o que me distanciou dos desafios do processo de ensino-

aprendizagem. Portanto, o modelo que possuo ainda é o da minha época da escola e embora tenha tido professores incríveis venho de um ensino tradicional.

Portanto, me saia bem nos conteúdos de matemática, pois assimilava bem a ordem que deveria estruturar as operações. Porém, nunca me fora apontado os porquês por traz da disciplina.

Cresci com essa visão de que matemática era entendimento e aplicação de regras, entretanto essa condição sempre me incomodou e o curso de Psicopedagogia vem ampliando um sentimento que sempre tive sobre processo de ensino-aprendizagem e hoje não vejo como utopia acreditar em uma educação de troca e de mediação, onde se faz necessário entender as diferenças humanas e preparar uma aula objetivando alcançar, mesmo que um pouco, as particularidades do indivíduo.

Em uma oficina vivenciada em sala sobre tema zoom, tivemos que observar figuras e anotar o que identificávamos ou sentíamos ao visualizar as imagens que eram ampliadas. Esta experiência foi muito valiosa, pois mostrou como as óticas se diferem sobre um mesmo objeto e que as formas podem ser variadas, dependendo do ponto de vista. Essa vivência me fez questionar o que podemos fazer para ensinar conteúdos aos mais diferentes tipos de pessoas. Talvez o desafio seja em como podemos atingir os diversos tipos de inteligências, conforme a teoria de Gardner que sugere que os seres humanos possuem múltiplas inteligências, portanto precisam de estímulos e caminhos adequados para o desenvolvimento cognitivo.

Uma outra questão que nunca tinha me passado pela mente e que hoje faz todo o sentido é que para aprender matemática se faz necessário dois aspectos: compreensão do que é plenamente ensinável e o desenvolvimento da

lógica, que segundo Piaget, é construída com as experiências vividas. Portanto, estamos falando de um processo que não deve ser atropelado.

É importante lembrar que a criança está inserida num mundo cheio de signos que ela não compreende o que eles representam. Esta condição é muito confusa para a criança que em princípio precisa entender o que são os números e para que servem. Portanto, as fases de desenvolvimento infantil devem ser muito respeitadas, qualquer fratura nesse processo pode afetar o sistema mais à frente.

Um conceito muito importante é a compreensão da correspondência biunívoca, ou seja, a correspondência dos elementos um a um.

Aos poucos a criança entende a diferença entre números e letras e após imersão no universo dos números é possível fornecer ferramentas para que comecem a operar com eles.

Nossa tudo foi passado de forma tão mágica e ficou um desejo de quero mais para aprofundar no tema. Não demorou muito para iniciarmos o processo de diagnosticar as dificuldades para uma boa intervenção.

Na aula seguinte nos fora solicitado trazer um baralho e até então para mim somente servia para jogar paciência e buraco. Mais uma vez eu estava enganada, não imaginava como um recurso tão simples poderia ser tão poderemos, possibilitando ao profissional identificar onde está a dificuldade do cliente e até mesmo utilizar de jogos para intervenção, contribuindo para a construção do raciocínio lógico.

Em poucas aulas eu estava imersa em uma nova ótica de olhar para a matemática e me apaixonei ainda mais por esta ciência que segundo Anita é a

ciência dos preguiçosos, onde é permitido um “matematuquês” para escrever os fenômenos de forma simplificada.

Comecei a ver jogos de outra forma, pois até então não passavam de brinquedos apenas para distrair as crianças. Mas como são importantes e contribuem para a evolução de aspectos sociais, motores e cognitivos. O pilar do desenvolvimento humano.

Portanto, para aprender é preciso avançar etapas de um processo, respeitando a fase do indivíduo, pois há questões de ordem orgânica, que a neurociência vem explicar através da formação das estruturas e das rotas de aprendizagem.

Há muitos recursos e ferramentas para facilitar a mediação do processo, tornando o mais concreto para a compreensão, entretanto, acredito que a condução deva ser feita de forma mais leve e incentivadora, estimulando a criatividade e mediando as dificuldades, estimulando o desafio e o desejo de vencê-lo. Utilizando de técnicas adequadas para incentivar e fomentar o desenvolvimento do indivíduo.

Como fazer é um desafio aos educadores que ainda possuem limitações em lidar com o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Alicia Fernandez só se aprende quando outorgamos ao outro o direito de nos ensinar. Sabemos também a importância do vínculo afetivo, o que repetidas vezes vemos na literatura como uma ponte entre ensinante e aprendente, mas ousar dizer que o afeto deve existir também entre aprendente e objeto de aprendizagem e entre aprendente e método de ensino. Questiono como alguém pode aprender algo que lhe desagrade? Acredito que deva haver vontade e paixão em todos os atores envolvidos para o sucesso do processo.

Não há receita de bolo e nem protocolos que descrevam etapas a serem seguidas para favorecer um solo fértil, onde se joga apenas a semente e garanta as condições para que as flores desabrochem. Por isso, comumente deparamo-nos com queixas de aprendizagem, colocando os aprendentes numa condição desfavorável, tornando-o culpado pelo fracasso escolar e pelo baixo desempenho.

Neste contexto surge a Psicopedagogia, um campo tão especial do qual em breve farei parte, com *habitus* muito particular, predominante a um olhar generalista, uma escuta despretensiosa e que com muito respeito media o indivíduo para superar seus conflitos de aprendizagem, garantindo sua autonomia e integração social.

Hoje ao escrever este trabalho sei que tive muitas impressões da disciplina, das aulas, da professora, mas tenho a certeza de que a primeira impressão não é a que fica, pois vejo a matemática de forma bem diferente do que via antes do curso. E o que me imprime hoje é o desejo ser uma profissional competente e que o curso me coloque no caminho certo para ajudar aos que precisam vencer os obstáculos e as dificuldades de aprendizado.